presença

Fôlha de Arte e Crítica

Coimbra, 8 de Novembro de 1927

N.º 7

NACIONALISMO EM LITERATURA

Em literatura, como em arte, deve o criador, por princípio, rejeitar todas as limitações. Compreende-se que se limitem as medidas duma tôrre, a altura duma casa, o tamanho dum quarto, porque a tôrre, a casa e o quarto têm um destino prático definido, uma utilização imediata; não se compreende, porém, que se limitem os confins duma obra de arte, que, de sua própria natureza, é teórica e inútil. Os limites duma obra de arte, entenda-se, são os limites da sua criação, da sua origem; os limites das faculdades criadoras do criador, isto é, da sua inteligência, da sua imaginação, da sua sensibilidade, da sua reserva sentimental. Devem, portanto, os artistas ilimitar os campos da inteligência, da imaginação, da sensibilidade e das reservas sentimentais, enchendo cada um dêles do máximo de experiências, ou antes, do máximo de substâncias nutritivas. Ora a ilimitação e o enriquecimento dêstes campos sòmente se poderão realizar mediante o aproveitamento de todos os horizontes e de todos os celeiros do mundo. Alarguem, por conseguinte, escritores e artistas, as fronteiras das suas relações intelectuais e artísticas, e verão alargar-se as dimensões das suas obras e o valor de estimação universal nelas contido.

Serve esta introdução a figurar duma maneira mais ou menos simbólica aquilo que o autor pensa dos limites da cultura dum artista e das suas consequências para a arte do país a que pertence. Assim, em Portugal, de há muito que se verifica essa tendência a fechar os limites da cultura e a encerrá-la num princípio: — *Nacionalismo*. Eis-nos diante da palavra que encerra a nosso ver um sentido paradoxal, porque nós não podemos orientar a nossa obra voluntária, senão involuntàriamente. E o que numa obra pode existir de original, quere dizer, de sinal marcado de origem, não è aquilo que o autor nela quis pôr de original, senão o que êle não soube que pôs. Daí vem a impossibilidade do útil, do prático, em arte. O artista vai descobrindo-se à medida que realiza a sua obra e nunca chegará a conhecer-se, nem no realizado nem no por realizar, sob pena de encontrar-se, isto é, de limitar-se, de repetir-se, imitando-se a si próprio e dando à parte futura da sua criação um carácter de «pastiche». E eis o que acontece com a maior parte dos nossos escritores, dada a limitação da sua cultura e, portanto, a estreiteza da sua personalidade. Expliquemo-nos. O escritor português — sobretudo o contemporâneo, e o embebido de nacionalismo — possui uma cultura estreita, circunscrita a meia dúzia de autores franceses que lhe fornecem o seu próprio nacionalismo — e a muitos autores portugueses dos *menos bons*. Em geral é já de per si pouco rico de originalidade, de individualidade, quere dizer, de matéria complexa de criação; não tem atractivos humanos diferenciados; de modo que não sendo pôsto em presença duma diversa e profunda literatura universal que desperte as suas poucas qualidades latentes e as adormecidas, em breve se apossará da sua limitadissima personalidade, escrevendo uma obra dum valor relativo e as subsequentes dum nulo valor, porque estas já serão «pastiches» da primeira.

Supomos ter deixado num artigo anterior aclarado o mecanismo das influências e das reacções originais. Não é inoportuno, contudo, insistir no grande papel que a cultura diferenciada e universal desempenha na formação e no descobrimento duma personalidade artística. Há uma frase de Gide que de certo modo sintétisa todo o nosso pensamento. Ei-la: «Que de Werthers secrets s'ignoraient qui n'attendaient que la balle de Werther de Gœthe pour se tuer!» A penetração desta frase vai tão além na nossa ideia, que quási dispensa comentários. Mas, de facto, quantas coisas existêm dentro de nós em estado ígneo, que só ao contacto com a atmosfera simpatisante de coisas idênticas se solidificam, se concretisam e ganham consciência de si! Que, afinal, nisso reside o problema da instrução e todos os problemas referentes ao desenvolvimento do homem. E o que será a *teoria das reminiscências* de Platão mais do que isto? A meu ver são todos um mesmo e único problema: o problema das influências.

Mas não insistamos. E' preferível regressar ao escritor português e ao seu acanhado conceito naciona-

Sumário: — NACIONALISMO EM LITERATURA — *João Gaspar Simões*. VIRGEM — *Gil Vaz*. OCEANIAS, COSMORAMA — *Branquinho da Fonseca*. UMA PEÇA DE PIRANDELLO — *José Régio*. REDUÇÃO DE DEUS, QUADRAS DA MINHA VIDA — *Mário Saa*. MATHÉO HERNANDEZ — *Diogo de Macedo*. RIMANCE — *Alberto de Hutra*. LEGENDAS CINEMATOGRÁFICAS — *J. R.*

lista ou casticista. Diga-se contudo, de passagem, que êste é um mal mais remoto do que se poderá supôr. Aparte duas épocas da nossa história literária — o quinhentismo e o realismo — em que uma saudável curiosidade pela cultura europeia desperta escritores como Gil Vicente, Camões, Antero, Oliveira Martins e Eça de Queirós — escritores êstes a quem foi dado conhecer uma certa universalidade — nenhum interêsse se descobre nas restantes, ombora de onde em onde vejamos levantar-se verdadeiros génios, mas génios a quem um implacável provincianismo coarcta os vôos criadores e reduz a simples casos de interêsse nacional. E não é preciso ir muito longe — Camilo! O autor do *Amor de Perdição*, vítima de tanto comentador ignorante da sua própria obra, é duma grandeza maior do que vulgarmente se supõe. O seu poder dramático, o seu sentido do patético e a sua viva compreensão das paixões humanas, são casos únicos na literatura portuguesa, e, no entanto, à excepção da obra citada, mais nenhuma recebeu o prémio duma leitura mundial admirativa. Porquê? Porque Camilo se descobriu muito depressa, isto é, porque não chegando a descobrir-se totalmente, em virtude da limitação da sua cultura universal e da sua simpatia europeia, apenas aproveitou aquela parte da personalidade que a experiência própria e a do meio lhe ministraram. E como essas experiências ambas se circunscreviam a meia dúzia de casos de amor, cujos desenvolvimentos dramáticos não variavam na forma, nem na substância, senão em mínimos detalhes; a obra de Camilo não varia na forma nem na substância, senão também nêsses insignificantes e mínimos detalhes. O que é indiscutível é que se essas experiências houvessem sido outras e a sua cultura se tivesse alargado para fronteiras mais longínquas, possuiríamos hoje um romancista grandioso, com uma grandiosa representação na literatura universal. Com certeza, por certo, bem mais grandioso do que Eça, porque quando êste apenas com o seu cosmopolitismo e as suas excepcionais qualidades de artista, conseguiu alcançar uma tão grande universalidade, mais fácilmente e melhor Camilo, com um génio substantivamente seu e português, a alcançaria. E eis-nos chegados ao *génio nacional*. Parecerá, na realidade, contrariar a nossa doutrina êste apêlo ao *génio substantivamente de Camilo e substantivamente português*. Nós, ainda que tal pareça, não nos encontramos em guerra aberta contra o fundo nacional, colectivo, duma obra de arte. Nós bem sabemos o que em essência é *interessante* em Cervantes, em Shakespeare, em Gœthe, em Balzac, em Dostoiewski: o que é *interessante* à nossa qualidade de homens e de portugueses. Pois o que nêstes arquetipos da literatura mundial é *interessante* à nossa dupla qualidade de homens e de portugueses, é a sua dupla qualidade de homens e de espanhois, de ingleses, de alemães, de franceses, de russos. Como vêem, nós não ignorávamos isso; mas o que não ignorávamos também era como se alcançam estas duas e essenciais qualidades, coisa que acontece a muito bom teorizador das letras nacionais. E é em nome dessa perfeita compreensão da génese artística que nós nos insurgimos e clamamos. Reparemos, por exemplo, em Cervantes. Porque será tão justa e tão grande a universalidade do «Quichote?» Será ou não porque nêle se jogam dois destinos, porque nêle há uma dualidade profunda e eterna, a projecção de duas humanidades? D. Quichote e Sancho, eis os símbolos complexos e vivos, eis a razão virtual do seu valor!

E' na sua dualidade que reside o verdadeiro significado nacional-universal da obra de arte. Significado universal em Quichote; significado nacional em Sancho. Expliquemo-nos: Cervantes fez encarnar a Alonso Quichano, as virtudes superiores da raça espanhola e as virtudes superiores da humanidade em geral; enquanto que ao gordo escudeiro apenas fez encarnar as qualidades mais características do seu povo — o seu fanatismo, a sua sinceridade, a sua discreção, a sua grosseria. Sancho e Quichote são pois de interesse universal, porque consubstanciam, respectivamente, características humanas universais e características humanas nacionais: consubstanciam o génio humano de Cervantes e o génio racial da Espanha. E' necessário tomar, todavia, êste exemplo como um feliz acaso de simbolismo. Quere dizer: o que nós acabamos de constatar na obra capital de Cervantes duma maneira tão ilucidativa porque concreta, constatar-se hia na obra de Shakespeare, de Balzac ou de Dostoievski, duma maneira menos ilucidativa não por dela se acharem ausentes essas duas ideias essenciais, mas por se encontrarem difundidas de modo complexo e abstrato. Assentemos, por conseguinte, em que no fundo genésico de toda a verdadeira obra de arte existe esta mesma dualidade, quer ela se apresente obscura, quer luminosamente, e que é da sua existência que à obra vem o poder de compreensão universal. Não é, portanto, dum único elemento — o elemento nacional — que vivem as grandes criações da literatura — mas da coexistência dêsse tão propugnado pelos nossos casticistas — com um outro dum valor bem mais apreciável — o elemento universal, *humano*, de compreensão geral e eterna. E é assim, pela valorisação simultânea da sua qualidade de português e da sua qualidade de homem, que o nosso escritor poderá vir a alcançar a recompensa incalculável duma aceitação e admiração universais. (Por valorisação da sua qualidade de homem, entenda-se a valorisação da sua inteligência, da sua sensibilidade, da sua imaginação, das suas reservas sentimentais, enfim da totalidade de todos os predicados indispensáveis a uma suprema expressão artística e humana). Revoltemo-nos, pois, contra êsse espírito pretencioso e provinciano do escritor português, que, olhando o mundo do seu ponto mais excêntrico, supõe olhá-lo do próprio centro — dignificando a nossa literatura pela introdução nela dum espírito superior, europeu, compreensivo...

João Gaspar Simões.